

ELITE DE PRATA



DANI
FRANCIS



OTHER
SIDE



AVISOS DE CONTEÚDO

Armas

Assédio

Conteúdo sexual explícito

Discriminação

Doenças mentais

Drogas

Escravidão

Genocídio

Linguagem explícita

Morte e luto

Rapto

Sangue

Tortura e violência

Xenofobia

The background is a dark, textured surface. It features intricate, flowing, and somewhat chaotic white and light gray lines that resemble liquid or smoke, creating a sense of movement. Scattered throughout the dark space are numerous small, out-of-focus light points, giving it a bokeh or starry effect.

*Para as mulheres impressionantes deste mundo.
Este livro é por todas as batalhas que travaram e por
todas as barreiras que destruíram.
Inspiram-me a cada dia.*

O CONTINENTE





Capítulo 1

Cresci numa autêntica, incessante e sufocante escuridão.

Gostaria de dizer que é um exagero, mas não é. Tinha apenas 5 anos quando o meu tio me tirou clandestinamente da cidade e me levou para viver nas Terras Negras, o local dos pesadelos de qualquer criança. Uma floresta de escuridão eterna. Lembro-me de os meus olhos se arregalarem quando a vi pela primeira vez: a bruma negra sinistra, que subia da terra e pairava muito acima das copas das árvores. Lembro-me do pavor que chegava aos meus ossos, e depois do pânico de cortar a respiração, quando fomos engolidos pelo breu. Lembro-me de como, depois de menos de uma hora a caminhar, tropecei num crânio. Ajoelhei-me para examinar o que me fizera tropeçar e, embora não visse nada, consegui sentir as órbitas abertas e pude passar os dedos pelo osso suave e gasto.

Quando perguntei ao Tio Jim o que era, ele disse:

— É só uma pedra.

Mesmo com 5 anos, não era fácil enganarem-me.

Não seria o último esqueleto que encontraríamos nos três anos que passámos nas Terras Negras, mas quando regressámos à civilização, eu e o medo éramos velhos amigos. Nos dias que correm, um predador poderia atirar-se à minha garganta e eu nem pestanejaria. Um jato do Comando podia lançar uma bomba na nossa casa e o meu ritmo cardíaco permaneceria constante.

Quando se passa o dia aterrorizada durante a infância, não há muitas coisas que ainda causem medo na idade adulta.

Exceto, talvez, conversas constrangedoras.

Preferia lutar contra um puma apenas com as mãos do que submeter-me a uma interação desconfortável. A sério.

— Onde vais?

Raios. Dei o meu melhor para me esgueirar para fora da cama sem alertar o meu companheiro.

A voz do jovem soldado está carregada de sono e resquícios de sedução. Aponto o meu olhar para baixo enquanto abotoo as calças de ganga. Eu sei que ele não tem nada vestido debaixo daquele fino lençol.

— Oh. Hum. A lado nenhum. Estava só a vestir-me porque estou com frio — minto, alisando a parte da frente do meu top preto de alças sobre a extensão irregular da minha cicatriz na anca esquerda.

As minhas queimaduras, que mergulham além da minha cintura e se estendem até meio da minha coxa, são uma lembrança permanente de quem sou e do motivo pelo qual não posso estar na presença deste tipo durante mais tempo do que o necessário.

Eu disse-lhe que as cicatrizes eram o resultado de um acidente. Uma panela de água a ferver que se entornou sobre mim quando era criança.

Não foi totalmente mentira.

Contudo, se ele soubesse o que a carne disforme esconde, provavelmente não a teria acariciado com aquela compaixão infinita.

— Volta para aqui. Eu mantenho-te quente — promete ele.

Eu finjo um sorriso e fito-o nos olhos. São bonitos. Castanho-escuros.

— Esperas um bocadinho? Agora que me levantei, preciso de ir à casa de banho. Não disseste que era ao virar da esquina?

Pareço demasiado ansiosa?

Acho que sim, mas estou desejosa de me escapar. É tarde. Muito mais tarde do que a hora a que prometi regressar. Era suposto ter parado na aldeia para tomar um copo e dizer olá a alguns amigos nas festividades do Dia da Libertação. Não engatar um soldado do Comando, entre todos os candidatos.

Não há muitas coisas que valham a pena celebrar no Continente. Nenhum daqueles feriados sobre os quais se lê nos livros de História e soam idílicos. E, se for sincera, provavelmente é uma ironia doentia ter um bando de pessoas Modificadas a dançar, a beber e a fazer sexo para celebrar o aniversário de um acontecimento que levou ao seu próprio extermínio. Mas os Mods gostam de facto de dançar, beber e foder, por isso... mais vale aproveitar enquanto podemos, independentemente da ocasião.

— Não me vais deixar na mão, pois não? — Ele está novamente a provocar-me, mas há uma infelicidade latente. Merda. Ele sabe que estou a preparar-me para desaparecer.

— Claro que não.

Finjo concentrar-me no fecho das minhas botas, decidindo que isto foi uma péssima ideia. Regra geral, tento não cair na cama de ninguém do Comando, o exército do Continente, mas a sua impermanência é um grande atrativo. Os soldados só podem sair da base três vezes por ano, o que significa que nunca serão mais do que temporários.

— Ainda bem. Porque eu não estou pronto para te deixar ir já — diz com um sorriso. Ele tem 25 anos e foi muito meigo quando as suas mãos exploravam o meu corpo.

É horrível que eu não me consiga lembrar do nome dele?

Pego na minha espingarda e passo a correia por cima do ombro. Reparo que ele me está a observar.

— O que foi?

— Estás tão hot — diz ele, enquanto morde o lábio.

— A sério.

— Sim. Não se vê raparigas com armas na cidade.

Ele tem razão. Não se vê. Esse é o principal motivo para o meu tio nos ter instalado na Zona Z, o território mais ocidental possível. É uma das zonas de ativos, em que as profissões costumam envolver cuidar de ranchos e agricultura, e os cidadãos podem ter armas. Todas registadas e plenamente justificadas, claro. Não é possível ninguém obter uma licença sem testes exaustivos para provar a sua competência, mas isso não foi um problema para mim. Recebi a minha autorização de porte de armas aos 13 anos. Sou mais do que competente, mais do que os examinadores sequer se aperceberam. O Tio Jim avisou-me para me «moderar» no dia do teste.

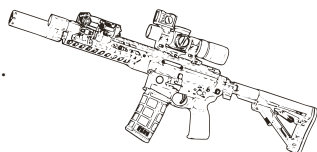
— Dá jeito nestas paragens — digo-lhe. — Tenho coiotes brancos a tentar matar as minhas vacas todas as noites.

Ele ri-se.

— Um dia, tenho de ir ao teu rancho e ver o tipo de coisas que fazes por lá.

O comentário descontraído desperta as minhas suspeitas. Por que razão é que ele quer ir ao rancho? Foi um comentário inocente ou preciso de me preocupar?

No que toca ao Comando, prefiro pecar por paranoia, por isso abro rapidamente um caminho para vasculhar a mente dele. O escudo dele é mais



compacto do que aço. Provavelmente, conseguia encontrar uma brecha se tentasse durante tempo suficiente, mas é demasiado forte para penetrar imediatamente. Não é surpreendente. Uma das primeiras coisas que os soldados como ele aprendem é a proteger-se dos Mods. E têm razão em fazê-lo. Os Primes não têm dons aperfeiçoados. Também não experienciam nenhum sinal físico quando alguém se infiltra nos seus pensamentos, enquanto os Mods o sentem como um choque elétrico. As pessoas como ele *deviam* estar atentas.

Corto o caminho. Valeu a pena tentar. A única vez que o escudo dele fraquejou esta noite foi depois de termos tirado as nossas roupas, mas os pensamentos eram uma amálgama de *não pares* e *sim*.

Foi bom para o ego, não vou mentir.

— Algum motivo para lebares a tua arma para a casa de banho? — Ele ergue uma sobrancelha.

— Todas as armas registadas devem estar sempre na tua pessoa — recito diligentemente do manual que todos os portadores de armas recebem depois da sua certificação. — Mantém a cama quente para mim. Volto já.

Não tenciono voltar já. Na verdade, forço-me a não correr pela porta fora.

— Eu mostro-te onde é — oferece ele.

Começo a protestar, mas ele já está a sair da cama, enfiando um par de calças até às suas ancas elegantes. Ao menos ele não está a usar o habitual uniforme azul-marinho do Comando. Se estivesse a usá-lo, não tenho a certeza se teria conseguido sentir a menor excitação. Tirando um engate ocasional, impelido por cerveja, odeio aqueles cretinos e a maioria deles odeia-me de volta. Eles dedicam-se a exterminar pessoas como eu. Os Aberrantes, como nos chamam. Ou sangue-de-prata, quando se sentem simpáticos.

A única aberração por aqui é o General Redden e o seu ódio irracional por Mods. Nós não pedimos para ser assim. Uma guerra irrefletida há 150 anos libertou a toxina que nos tornou assim. Não tivemos voto na matéria.

Apesar de cada célula do meu corpo me implorar para fugir, deixo que o soldado me guie ao passar a porta e pela alcatifa bordeaux do corredor do segundo andar da pensão. Viramos a esquina e continuamos a andar.

— Cá está. — Como o cavalheiro que é, ele abre a porta da casa de banho para mim.

— Obrigada. — Forço outro sorriso. — Já vou ter contigo ao quarto.

— Grita se te perderes e eu venho salvar-te, fixe?

Na casa de banho, ponho-me atrás da porta e escuto o som dos passos dele. Expiro depressa, à espera de que aqueles passos recuem. O reflexo no espelho mostra um rubor na minha pele bronzada, mas o sexo faz isso. Os olhos revelam a minha impaciência. O soldado elogiou a cor deles várias vezes esta noite — castanhos cor de mel salpicados de amarelo-dourado.

O meu tio diz que eu tenho os olhos da minha mãe, mas eu não me lembro da cara dela e isso incomoda-me. Tinha 5 anos quando ela me mandou embora, idade suficiente para ter formado memórias concretas dela. Eu *devia* lembrar-me dos olhos dela. Às vezes, acho que consigo lembrar-me da sua voz, do seu sorriso, mas nunca sei se é apenas a minha imaginação a preencher as lacunas.

Espero outro minuto completo antes de sair da casa de banho. Quero correr, mas terei de passar pela porta dele para alcançar as escadas. Terei de andar em bicos de pés.

Sustendo a respiração, viro a esquina e avanço sorrateiramente pela alcatifa gasta. Estou quase no fim do corredor quando vejo a maçaneta da porta dele girar.

Quando a porta se abre ligeiramente, ajo por instinto, atirando-me para dentro do quarto mais próximo e fechando a porta atrás de mim.

Irromper pelo quarto de um estranho provavelmente não é a estratégia mais inteligente, mas foi uma decisão de uma fração de segundo — uma decisão que lamento quando um braço musculado se prende à volta do meu peito.

— Não te mexas — diz uma voz masculina.

Mais uma vez, ajo por reflexo. O meu punho sobe e bate num queixo duro.

O dono desse queixo nem sequer estremece. Desarma-me mais depressa do que eu consigo pestanejar, atirando a minha espingarda para o chão. A seguir, rodopia-me e prende-me contra as costas da porta. A sua estrutura alta aproxima-se ameaçadoramente, com o braço como uma barra de aço contra os meus seios.

— Quem raio és tu? — grunhe ele ao meu ouvido.

O meu coração martela na caixa torácica. Sustenho a respiração, humedecendo os lábios secos.

— Eu sou...

As palavras morrem quando ergo o olhar para o rosto dele.

Oh.

Acho que escolhi o candidato errado para as atividades desta noite.

Este tipo é... inconcebivelmente atraente. Acho que nunca vi um ser humano mais bonito, masculino ou feminino. Perco-me momentaneamente nos seus olhos azul-cobalto, que me olham por baixo de pestanas grossas. O seu cabelo escuro puxado para trás realça as feições impecáveis e simétricas que podiam ter sido esculpidas em pedra. A quantidade certa de barba por fazer ensombra o queixo forte e o canto da boca tem a marca de uma covinha. Pergunto-me quão pronunciada fica quando ele sorri, embora, a julgar pelo brilho frio e perigoso nos seus olhos, tenha a sensação de que não sorri com frequência.

— Se vieste para me matar, não estás a fazer um grande trabalho.

— Matar-te? — ecoo, saindo dos meus pensamentos. — Não é por isso que estou aqui.

— Não? — Ouço um estrépito e apercebo-me de que ele está a afastar a minha espingarda com um pontapé. Tenho de me esforçar seriamente para não me precipitar atrás dela. — Esgueiras-te para o meu quarto a meio da noite com uma arma e é suposto acreditar que as tuas intenções são puras?

— Acredita no que quiseres. — Resisto ao aperto dele. É uma tentativa vã. O seu braço não se mexe. — Não estou aqui para te matar.

— Então, é uma visita social? — A língua dele sai para humedecer o canto da boca. Com os olhos a brilhar, baixa-os para o decote que espreita pela faixa forte que é o seu braço. — Aprecio o gesto, mas não estou interessado. Já tive a minha dose esta noite. — Os lábios dele curvam-se. — Devias ter vindo mais cedo, quando a minha convidada ainda estava cá. Podíamos ter feito uma festa.

Fico de queixo caído.

— A sério? Também não estou interessada nisso. Estou a esconder-me, idiota.

Ele ergue uma sobrancelha, intrigado.

— De quem?

— Não tens nada que ver com isso. Podes, por favor, tirar o teu braço? Não consigo respirar.

— Não. E parece estar a respirar muito bem.

Não estou. Não há ar. De cada vez que inspiro, respiro o cheiro dele. Tem umas notas de pinheiro, cabedal e vestígios de especiarias. É um bocado incrível. E o corpo dele é surreal. Grande, largo e lisonjeiramente musculado, com o bíceps a fletir-se enquanto me segura. Aposto que ele fica espetacular nu.

— Deixa-me ir — ordeno. — Desculpa ter-me metido no teu quarto, mas garanto-te que não sou uma ameaça.

— Porque é que estás armada?

— Trabalho num rancho. Tenho licença de porte de arma.

O seu olhar analisa o meu rosto, focando-se brevemente na minha boca. Embora o meu batimento cardíaco fraqueje sob o seu escrutínio minucioso, tento capitalizar da sua distração lançando o joelho na direção da sua virilha. Ele reage sem pestanejar, agarrando na minha perna antes de eu conseguir estabelecer contacto.

Quando dou por isso, aterro de rabo, com um baque. Os meus ossos chocalham quando o corpo pesado dele embate no meu. Pernas compridas prendem-me ao chão e o antebraço pressiona a minha traqueia. Agora, não consigo *mesmo* respirar.

Arquejando em busca de ar, bato nos ombros dele com as duas mãos, mas ele não se mexe. Aquele olhar trocista observa-me de cima.

— Isso não foi muito simpático — murmura ele. — Atacar as partes baixas daquela maneira.

Não consigo responder porque ele está a cortar-me o oxigénio. Tento dar-lhe outro golpe fraco. Céus, como ele é forte. Eu *achei* que era uma lutadora talentosa. O meu tio treina-me desde os 5 anos. Mas aqui estou eu, deitada de costas, incapaz de fazer o que quer que seja enquanto ele me esmaga com o seu corpo.

Não, isso não é verdade. Eu posso fazer *alguma coisa*.

Outra lição importante que o meu tio me ensinou é que, numa batalha, é preciso ganhar vantagem de qualquer forma possível. Com os homens, há uma maneira infalível de a alcançar.

— Não posso dizer que lamente — digo, ofegante. — Tendo em conta o resultado. — A minha voz está rouca devido à falta de oxigénio.

A dele está repleta de suspeitas.

— O resultado?

— Consegui que ficasses em cima de mim.

Ofereço um pequeno sorriso sem remorsos e reparo num lampejo de ardor na expressão dele.

— Não me parece uma má posição para se estar — acrescento e depois consigo fazer uma respiração superficial. — Antes, não estava interessada, mas agora...

Balanço as ancas num convite.



Ele paralisa, entreabrindo os lábios. Durante o mais breve instante, as ancas dele respondem de igual modo com a parte inferior do seu corpo a mexer-se ligeiramente.

A seguir, ele começa a rir-se.

— Boa tentativa. — Ele aproxima a boca do meu ouvido e a minha pulsação acelera. — Se te deixar levantar, prometes manter as tuas mãos e joelhos quietos?

— *Tu* prometes? — replico.

Ainda a rir-se, ele sai de cima de mim e vai apanhar a minha espingarda. Levanto-me, esticando indignadamente o meu top enquanto o vejo estudar o número de série. Aproveito a oportunidade para analisar finalmente o espaço que me rodeia, mas não há muito para ver. Os lençóis estão amarratados, provavelmente graças ao que quer que ele e a sua «companheira» estiveram a fazer antes. Não sei se tenho ciúmes da rapariga ou — tendo em conta a personalidade encantadora dele — se sinto pena dela.

Há um comm na mesa de cabeceira, um casaco preto sobre uma poltrona vermelha debaixo de uma janela e um par de botas pretas junto à porta. É só isso. Não há mais pistas que revelem quem ele é. Eu não o vi na praça mais cedo a celebrar com os outros, o que é estranho. Porque é que ele está em Hamlett, se não para o Dia da Libertação? É raro os viajantes estarem simplesmente de passagem. Tudo a oeste da Zona Z está submerso e não há nenhuma comunidade na costa. Sempre que a Companhia tenta reconstruir ali, outro terramoto atinge e destrói toda uma cidade ou aldeia.

Olho de relance para ele e tento ler-lhe a mente, mas está bastante escudada. Interessante. A maioria dos Primes não tem escudos ou, se tem, são facilmente penetráveis. O que significa que este homem ou é Modificado, um soldado ou um civil Prime que, por alguma razão misteriosa, dominou a capacidade de proteger os seus pensamentos.

Ele segura a minha espingarda numa mão capaz, mas não a aponta para mim. Limita-se a ficar ali, a observar-me com aqueles perigosos olhos azuis.

— Podes passar o número de série pelo teu comm de uma vez por todas para confirmares que eu não sou uma assassina e eu poder seguir com a minha vida?

— Ou posso simplesmente matar-te e seguir com a *minha* vida — diz o idiota.

— Oh não, tenho tanto medo de ti. — Planto as mãos nas minhas ancas. — Força. Dispara. De qualquer modo, a minha tortura acaba.

Ele inclina a cabeça, ainda a fitar-me.

— Como te chamas?

Fico sobressaltada quando outra pessoa responde a essa pergunta.

— Wren?

Ou melhor, alguém anda no corredor a tentar caçar-me.

— Wren? Ainda estás aí?

Ouçó os passos do soldado do outro lado da porta, que esmorecem quando ele dobra a esquina.

O meu estranho provoca-me.

— É melhor ires agora, *Wren*. Pode ser que consigas chegar à porta da frente antes que o teu namorado te apanhe.

— Ele não é meu namorado e eu não vou a lado nenhum sem a minha espingarda.

Passado um instante, ele gira a espingarda pelo cano e dá-ma com a coronha virada para mim.

Enfio a correia no ombro e marcho porta fora.

— Foi um prazer conhecer-te, idiota — murmuro sem olhar para trás.

O seu riso abafado faz cócegas nas minhas omoplatas.

Aproveito que o corredor está vazio para correr pelas escadas até ao primeiro andar. Assim que chego à saída, ouço o meu nome de novo.

— Wren, espera.

Engulo um grunhido. O soldado está a meio das escadas.

— Prometeste que não ias fugir — diz ele enquanto se aproxima. A desilusão aparece nos seus olhos.

— Desculpa. — Emito um suspiro exagerado e construo uma mentira adequada. — Não sou muito boa com despedidas.

As feições dele suavizam-se.

— E, de qualquer modo, tenho mesmo de ir. Uma das nossas vedações caiu durante uma tempestade há algumas noites e o meu tio mata-me se amanhã não acordar ao amanhecer para a consertar.

— Tenho de te ver de novo. Talvez tente sair de licença no próximo mês?

— Sabes onde me encontrar — digo descontraidamente porque o mais provável é ele não obter uma licença para sair de novo durante um bom tempo. Nessa altura, já se terá esquecido completamente de mim.

Espero eu.

Há sempre o risco de ficar tão obcecado que arranje uma forma de trocar de posto com outro soldado e ser destacado para a minha zona.

Mas eu não acho que seja *assim* tão boa na cama.

— Qual é a tua ID?

Dou-lha com relutância, observando enquanto ele insere os dígitos no seu comm. Um instante depois, o pequeno aparelho no meu bolso apita baixinho.

Ele lança-me um sorriso cheio de covinhas.

— Fui eu.

Eu tiro o aparelho e gravo a ID dele. Detesto esta coisa. Somos obrigados a andar sempre com ela, mas só presto atenção ao meu comm quando há uma comunicação da Companhia. Durante o resto do tempo, mantenho a correspondência obrigatória com o Tio Jim ou com os meus amigos. Nada de significativo, claro; nós temos outros meios de comunicação para as coisas a sério. Nenhum Mod no seu perfeito juízo usaria um aparelho da Companhia para comunicar, não quando cada palavra dita ou escrita é gravada, com uma sala cheia de agentes dos Serviços de Inteligência a monitorizarem cada interação. O mesmo se aplica ao Nexus, a nossa rede online. Seríamos tolos em confiar em qualquer um destes métodos para falar abertamente.

— Eu acompanho-te à saída — diz ele.

Ouço o ruído de vozes para lá das portas da pensão. O ritmo rápido da banda, que toca uma canção que não reconheço. Suponho que esteja na lista de melodias aprovadas pela Comissão de Comunicação da Companhia. Todos os meios de comunicação social têm de passar por lá antes de serem transmitidos aos cidadãos.

Saímos para o pátio, onde a brisa está tão perfumada como antes de termos entrado na pensão. O aroma a carne grelhada e espigas de milho com manteiga permeia o ar noturno. Esta noite, a praça da aldeia está toda iluminada. Está apinhada e ruidosa, com ondas frequentes de gargalhadas a erguerem-se sobre a música.

O desconforto abate-se sobre mim devido à dúzia de soldados que anda por ali. O Dia da Libertação é a única altura do ano em que muitos deles podem regressar às suas zonas para ver familiares e amigos. A maioria deles parece inofensiva, mas esta noite há demasiados uniformes azuis aqui para o meu gosto.

Quem me dera que eles regressassem à cidade e nos deixassem na maldita da nossa paz. Ninguém aqui gosta de fingir sorrisos e portar-se bem. Até os Primes detestam a opressão do General, o modo como ele controla todos

os aspetos das nossas vidas. Ou pelo menos a maioria detesta. Certamente que há lealistas incondicionais dispostos a trair as suas próprias mães por um aceno breve de aprovação daquele homem ou dos seus seguidores. Um otário Prime da minha própria zona denunciou literalmente a mãe quando descobriu que ela era Modificada. Ela passou quase duas décadas a esconder os seus dons e depois *um* deslize, um momento imprudente a ler a mente sem puxar as mangas para baixo, e o seu único filho denunciou-a. Da última vez que ouvi, ele fora promovido para liderar a sua própria unidade no Comando.

Contudo, suponho que isso não seja tão mau como os Mods que se viram contra os seus, os simpatizantes que servem o Redden em Ponto *Sanctum*, a nossa capital. Esses traidores têm umas vidas confortáveis por lá. Não há dúvida de que a lealdade ao General compensa.

Guinchos alegres de crianças chamam-me a atenção. Corro em direção ao ruído e sorrio. A alguns metros, numa clareira relvada, joga-se à apanhada. As crianças da aldeia gritam e riem-se enquanto a apanhadora, uma rapariga com cabelos ruivos brilhantes, corre a tentar apanhar alguém.

— Wren! — chama uma voz contente.

A Tana Archer caminha vagorosamente na nossa direção. Com os olhos brilhantes e as bochechas coradas. É evidente que esteve a provar da sua própria mercadoria. O pai da Tana, o Griff, tem o único bar na praça.

— Estava a perguntar-me para onde é que tinhas desaparecido. — Com um olhar cúmplice, ela olha de mim para o soldado. Enquanto sorri para nós, sinto-a a tentar ligar-se a mim.

Todos os telepatas têm a sua própria assinatura única. Quando era miúda, o meu tio descreveu-a como a nossa essência, uma onda de energia exclusiva de cada pessoa. É quase impossível de explicar a quem não o tenha sentido, mas depois de uma ligação inicial se formar, reconhecemos automaticamente a energia da outra pessoa quando ela pede para se ligar.

— Alguém esteve ocupada — provoca a Tana em silêncio.

A sua voz na minha cabeça é sempre mais grave do que o tom com que fala. Uma vez, perguntei ao meu tio sobre isso: porque é que as vozes telepáticas das pessoas soam tão diferentes das suas vozes audíveis. A resposta dele foi: «Já alguma vez te ouviste numa gravação e pensaste, *Eu não soo nada assim?* Isso é porque aos teus próprios ouvidos soas sempre diferente. Quando falamos telepaticamente, eu ouço a tua voz como *tu* a ouves. Quando falas em voz alta, eu ouço a tua voz como *eu* a ouço.» Foi um pouco estranho quando ele o explicou daquela maneira, mas até fez sentido.

— Tens de parar de comer soldados, babe.

— Olha, é a única coisa para que eles servem — digo à Tana e ela vira a cabeça para esconder uma gargalhada.

Eu sei que as suas veias estão a ondular por baixo das mangas compridas, ocultas dos olhares bisbilhoteiros. Com a sua pele escura, aquelas veias costumam ficar ainda mais intensas quando brilham, comparando com Mods de pele mais clara.

Quanto a mim, mesmo estando com um top de alças não tenho de me preocupar. Mais outra coisa com que costumava importunar o meu tio porque era confuso ver uma onda luminosa prateada por baixo da pele dos braços dele de cada vez que usávamos telepatia. Porque é que as *minhas* veias permaneciam normais? Eu era uma criança irritante, sempre a enchê-lo de perguntas. Nessa altura, ele não tinha uma boa resposta. Limitava-se a encolher os ombros e dizia: «Já passou mais de um século e ainda há tanta coisa que ninguém compreende sobre pessoas como nós.»

É essa a complexidade dos Modificados: não existe uma fórmula testada e comprovada no que toca a nós. Sim, a maioria corresponde à definição de sangue-de-prata, com veias nos braços que brilham quando usam os seus poderes. Uns poucos mais raros, como eu, não se encaixam nesse molde. Seja qual for o motivo da anomalia, não posso negar que isso me torna... bem, não arrogante, mas...

Inestimável.

Uma Mod que consegue usar os seus poderes sem anunciar as suas ações aos inimigos é uma grande mais-valia para a Rebelião.

No entanto, da primeira vez que a rede me tentou recrutar, o meu tio disse que nem pensar. Foi intransigente. A *Wren não coloca a sua vida em risco. Ponto final*. Quando me tornei adolescente, tornou-se mais difícil para ele travar-me. Eu sou teimosa. Adoro o Tio Jim de morte, mas eu sei decidir por mim.

Começámos a fazer missões quando tinha 16 anos. Pequenas deslocações de abastecimento. Entregas. Usar o nosso rancho para esconder Mods tirados às escondidas da cidade ou das minas. O sangue ferve-me sempre que penso em quantos de nós ainda são prisioneiros em campos de trabalho espalhados pelas zonas.

— Não te vais embora, pois não? — diz a Tana. — Quase nem te vi esta noite. Não podes ir!

O meu soldado sorri.

— É o que eu lhe tenho dito.

— Tenho de ir — respondo com um encolher de ombros. — Sabes como é o meu tio. Neste momento, deve andar de um lado para o outro no alpendre, à minha espera.

Como que de propósito, sinto um toque forte na minha mente. É a assinatura do Jim. Está a pedir-me para se ligar e deixo que ele o faça.

— É tarde. Vem para casa. — A voz dele é um trovão.

Resisto à vontade de revirar os olhos.

— A caminho.

— Ficas só para uma dança? — implora a Tana.

— Não posso mesmo.

Na verdade, ficaria por aqui com a Tana durante um bocado se este soldado não estivesse colado a mim. Argh, como é que ele se chama? Acho que é Max. Ou talvez seja Mark?

Tendo em conta o que fizemos antes, sinto-me mal em perguntar, por isso, toco-lhe no braço.

— OK, ah... querido... foi divertido, mas agora tenho de ir.

A Tana parece pronta a desmanchar-se a rir novamente.

— Querido?

— Cala-te. Não me lembro do nome dele. É Max ou Mark?

— Ele chama-se Jordan!

Ah. Estava muito longe.

— A pergunta mais importante é: quem é o parvalhão deslumbrante que está hospedado na pensão? — O meu batimento cardíaco ainda está um pouco desregulado devido àquele encontro explosivo.

— Não sei nada sobre um parvalhão deslumbrante. Não vi mais ninguém para além de soldados a dar entrada hoje. Ou talvez o tenha visto e me tenha esquecido? Era um soldado?

— Não faço ideia. Mas acredita que te lembrarias da cara dele.

Era uma cara notável. E totalmente desperdiçada num otário como ele.

— Eh. Para ficar fascinada com uma cara, tem de pertencer a uma mulher linda, caso contrário passa-me completamente ao lado.

— Deixas-me levar-te a casa? — o Jordan interrompe a nossa conversa silenciosa, com o seu olhar esperançoso a fitar-me.

— Não é preciso. Tenho a minha mota.

A Tana afasta-se para nos dar um momento de privacidade que o Jordan claramente deseja.

Ele segura o meu rosto com as mãos.

— Tão difícil — repreende-me ele de forma brincalhona. — Pelo menos, dá-me um beijo de despedida. — O seu polegar passa pelo canto do meu queixo quando ele encosta a sua boca à minha.

Deixo-o beijar-me apesar da impaciência que sobe no meu peito.

Afastamo-nos com os gritos das crianças.

Um segundo depois, o pandemónio instala-se na praça. A Tana vem até nós a correr.

— Mas que raio? — digo, enquanto nós os três corremos em direção à origem do caos.

Pelo que consigo discernir na escuridão, há um miúdo no chão, mas só vejo uma névoa frenética de braços a agitar-se e pernas a pontapear. Outras crianças vêm a correr da clareira, a gritar por ajuda.

— É aquele maldito coiote branco! — pragueja a Tana. — Tem andado a semana toda a rondar no bosque na orla da aldeia.

Merda. É o mesmo híbrido coiote-lobo que também tem andado a ameaçar o rancho. Dei com uma das minhas bezerras morta na pastagem sul há duas manhãs. Não sei como é que aquele animal conseguiu passar a vedação.

— Ele agarrou-o! — guincha uma menina para os adultos que se amontoam à beira do relvado.

Ouve-se outro grito, cheio de terror e agonia. O meu coração voa para a boca, a minha pulsação está descontrolada. Do outro lado da clareira, o rapaz, agora de costas, tem o coiote branco por cima dele. O animal é *enorme*.

— Robbie! — grita uma mulher. É a Rachel, uma professora da escola. O que significa que o rapaz em perigo é o seu filho de 8 anos.

Está demasiado escuro para dizer deste ângulo, mas os dentes do animal não parecem estar no pescoço do rapaz. Acho que estão a roer o braço do Robbie — grande merda, ele está a começar a arrastar o rapaz.

Não hesito em pegar na espingarda.

— Wren!

Apesar do grito de protesto da Tana, dou alguns passos em frente, ficando com o Robbie e o coiote branco na mira. Vários homens correm pelo relvado. Estão a meio caminho do rapaz, mas ele estará morto quando o alcançarem.

— Não! Travem-na — grita uma Rachel em pânico.

Eu aponto, com a espingarda apoiada no ombro.

— Para com isso, Wren! Vais atingir o meu bebé!
Ignoro-a e disparo.





Capítulo 2

Um sentimento de apreensão percorre-me quando o homem alto e barbudo se aproxima. O Controlador Fletcher foi o primeiro a alcançar o rapaz depois de eu alvejar o predador. Vários outros homens seguem o controlador, um deles pegando no filho da Rachel ao colo.

— Dá-mo! — Ela precipita-se para o grupo, esticando-se para o rapaz, cujas roupas estão ensopadas em sangue. — Onde está a Betta? Alguém tem de ir buscar a Betta! — As lágrimas correm pelas bochechas da Rachel.

— A Nina foi a correr acordá-la — assegura-lhe a Elsie, a irmã dela. — Está tudo bem, fofinha. Respira. A Betta vai conseguir ajudá-lo.

A Betta é a nossa médica. A Rachel tem muita sorte por ela estar por perto porque nem todas as aldeias têm uma. Os cidadãos da cidade vizinha têm de vir a Hamlett para receber cuidados médicos.

Eu e a Tana avançamos para ver melhor o rapaz, que soluça. O facto de ele estar acordado e conseguir sentir dor suficiente para chorar é bom sinal. Apesar da quantidade copiosa de sangue, parece que a maioria dos danos está circunscrita ao braço esquerdo. A Tana estremece quando repara nas marcas de dentes desiguais e um pedaço de carne pendurado da ferida aberta.

— Ele vai ficar bem? — pergunta ela com urgência.

A Elsie está agora a pressionar um trapo contra o braço do rapazinho.

— O sangramento parece estar a diminuir. Mas ele vai ter de levar muitos pontos.

A Rachel começa a chorar de novo quando me vê ali.

— Tu salvaste-o, Wren. Obrigada.

Toco no braço dela e depois passo suavemente a mão sobre a cabeça e os caracóis pretos e compactos do Robbie.

— Só estou contente que ele esteja bem.

O grupo avança apressadamente em direção a uma faixa comprida de edifícios de um e dois andares que compõem o lado norte da praça principal. As pessoas de Hamlett têm tudo aquilo de que alguma vez precisarão aqui. A loja de rações, o bar, a escola, o salão de baile, a casa dos meios de comunicação social, a clínica médica. Todas as nossas vidas reduzidas a um punhado de metros quadrados. Aquilo que não temos são os políticos ou as forças policiais de que nos costumavam falar na escola. Ao contrário do que acontecia nas gerações anteriores, as nossas aldeias e cidades são policiadas por soldados e geridas por controladores. Os controladores respondem perante o presidente da zona, que responde perante o General Merrick Redden, o nosso líder benevolente. A Companhia do Redden é uma máquina militar altamente eficiente. Ele não precisa de política, nem de supérfluos títulos de cargos.

O controlador de Hamlett permanece imóvel, erguendo as sobrancelhas para mim.

— A tua bala trespassou-lhe o olho — comenta o Fletcher. — Boa.

Encolho os ombros. Estou dolorosamente ciente do olhar do Jordan sobre mim.

— Não desvalorizes — diz o Fletcher. — Salvaste aquele rapaz, Wren.

Resisto à vontade de levantar novamente os ombros.

— Pois, sabes. Tenho muita experiência com os predadores que tentam apanhar o meu gado. Só agi por instinto.

— Nesse caso, que incríveis instintos. Diz ao teu tio que ele te ensinou bem.

Não lhe vou dizer tal coisa. O Jim ficaria horrorizado se soubesse que disparei uma arma na cidade, mesmo que a vida de um miúdo estivesse em risco.

De repente, sinto-me ansiosa para fugir. As minhas pernas levam-me dali antes sequer de me despedir do Fletcher. A Tana e o Jordan seguem-me os dois, sendo o último não tão bem-vindo. Foda-se. Quero sair daqui.

— Estás bem? — preocupa-se a Tana, pegando na minha mão para me travar.

— Estou bem. Mas a sério que preciso de ir para casa. — Aperto a mão dela e continuo a atravessar o terreno de terra batida. — Faz-nos uma visita esta semana. Vamos dar uma volta.

— Tens de me deixar ir, Tana. Caso contrário, ele também não me deixará.

— Desculpa. Falamos mais tarde.

— Parece-me bem — diz ela, antes de se afastar.

O Jordan mantém-se no meu encaço. Quando chegamos à minha velha mota empoeirada, ele tem novamente um brilho nos olhos.

— Nunca vi ninguém disparar assim — maravilha-se ele.

— Tal como disse, tenho experiência do rancho.

— Wren — diz ele com firmeza. — Tu arrancaste-lhe o olho. Eram noventa metros, na boa. Um alvo em movimento. Um miúdo no meio. Podias ter rebentado a cabeça dele sem querer.

Fico indignada e muito ofendida com aquilo. *Rebentado a cabeça dele!* Dificilmente. Garanto que tenho melhor pontaria do qualquer pessoa na unidade do Jordan. Ele nem sequer faz parte do Bloco de Prata, que é para onde vão todos os soldados de elite. Acho que ele me disse que servia no Bloco de Cobre. Conseguia disparar melhor do que um tipo de Cobre de olhos fechados. Tenho quase vontade de desafiar este tipo para um concurso de tiro...

Não, refuta o meu senso comum. *Não vais fazer tal coisa.*

A única regra que o meu tio sempre me incutiu desde muito pequena foi nunca chamar atenção para mim mesma.

E, como uma idiota, foi precisamente isso que fiz esta noite.

Merda.

Não devia ter disparado.

— Adorava ir ao rancho e praticar tiro ao alvo contigo. Não é para me gabar, mas também sou bastante bom com uma espingarda. Era divertido.

— Oh, o meu tio não permite visitantes — digo e depois estremeço quando me lembro que acabei de convidar a Tana para passar por lá. Tento consertar a mentira, acrescentado: — A Tana é realmente a única pessoa que ele tolera. Provavelmente porque somos amigas de infância. Ela é basicamente outra sobrinha para ele.

— Olha, talvez um dia. — O Jordan abana a cabeça de novo. — Foi um tiro e tanto.

Tento distraí-lo da minha pontaria certa, colocando-me em bicos de pés e colando os meus lábios aos dele.

Ele fica sobressaltado com a surpresa e depois sorri.

— Para que é que foi isso?

— Para nada. Diverti-me esta noite. — Dou um passo atrás. — Boa noite, Jordan.

Agarro no capacete preto nas traseiras da minha mota e ponho-o, evitando o olhar dele enquanto aperto a correia. Um instante depois, o motor ganha vida com um rugido. Acelero dali para fora, ainda a sentir o olhar dele em mim.

Tenho mesmo de parar de dormir com soldados. Da próxima vez que me estiver a sentir... carente... talvez tenha de procurar noutro sítio. Há alguns homens descomprometidos na aldeia, mas a Tana diz que eles estão interessados numa coisa mais séria. Eu não quero nada sério. Só tenho 20 anos. Não estou pronta para me dedicar a alguém. As relações das outras pessoas parecem sufocantes e já vi demasiadas mulheres vergarem-se a todos os caprichos de um homem.

Eu não me vergo.

Chego à estrada pavimentada no final da aldeia, onde uma placa de metal azul brilha na escuridão. Letras brancas exibem a nossa zona, aldeia e população. Atualizam-na anualmente, mas a população de Hamlett não cresceu muito ao longo dos anos. É assim que o Redden gosta. O General afirma que, antes da Última Guerra, o excesso de população era um problema grave. Não teríamos chegado àquele extremo, ao conflito global, a sete continentes devastados, quatro deles arrasados ou submersos, se as pessoas não estivessem todas a lutar por recursos escassos.

Ganância. Vai sempre tudo parar à ganância.

Sinto a minha mente formigar com um convite, sorrindo para mim mesma quando reconheço a energia familiar. Depois de aceitar a ligação, uma voz grave enche a minha cabeça.

— Ainda estás fora?

Respondo depressa.

— Não. A guiar para casa.

— Fogo. Já lhe partiste o coração? Trabalhas depressa.

— Oh, cala a boca. Como se tu não partisses corações todas as noites.

— Eu sou celibatário.

— Ah!

— Estás sempre a rir-te de mim. Para com isso.

— Para de dizer coisas ridículas.

Mas esse não é o estilo do Wolf. Ele não tem filtro, nunca teve. E é um flirt impossível, embora isso não tenha realmente começado até

alcançarmos a adolescência. Um dia, éramos dois miúdos a falar sobre coisas de miúdos; no dia seguinte, discutíamos as nossas vidas amorosas. É um pouco desconcertante, tendo em conta que nunca nos conhecemos.

Liguei-me ao Wolf quando tinha 6 anos e, até hoje, ainda me lembro da excitação que senti quando ouvi a voz dele pela primeira vez. Foi numa manhã quente de verão. Eu estava a brincar na clareira junto à casinha que o Tio Jim construía para nós. Há zonas dentro das Terras Negras em que o sol consegue penetrar, ainda que seja apenas um feixe estreito, e a nossa clareira relvada era um desses refúgios. Todos os dias, tínhamos cinco ou seis horas de luz solar concentrada, que brilhava sobre nós antes de a bruma mudar e sermos novamente eclipsados pela escuridão.

Nessa manhã, corri até ao Jim, a vibrar de entusiasmo e exclamei: «Tio! Eu tenho um *amigo*». Previsivelmente, o Jim reagiu com suspeição. Não sei porque é que esperei outra coisa. «Que amigo?» perguntou ele, levantando o olhar da viga que estava a lixar. Nesse ano, ele começara a construir passagens elevadas para colocar sobre os poços de areias movediças pretas, para podermos mover-nos mais facilmente quando saíamos para caçar. Eu costumava adorar dançar por essas traves durante as nossas excursões.

Em vez de partilhar a minha alergia quando lhe contei que um rapaz qualquer abrira um caminho para a minha mente e dissera olá, o Jim agarrou na parte da frente da minha camisola, segurando na lã áspera com o punho. Mais tarde, quando era mais velha, ele admitiu o medo que sentira nesse dia, o receio que sempre tivera que algo assim pudesse acontecer. As ligações espontâneas são comuns em crianças telepáticas. Os miúdos, especialmente mais pequenos, têm pouco controlo sobre os seus dons. No entanto, naquela manhã na clareira ele parecera mais furioso do que assustado. Ordenou que eu nunca mais falasse com a voz na minha cabeça.

A lembrança traz-me uma onda familiar de culpa. Eu prometi que fecharia a ligação com o rapaz curioso, apenas alguns anos mais velho do que eu. O problema é que, quando se cresce num mundo de escuridão com um tutor rabugento, sem mais ninguém da nossa idade, qualquer criança com quem brincar é bem-vinda, mesmo que só brinquemos com ela na nossa cabeça.

Eu não ignorei completamente os desejos do Tio Jim. Quando o rapaz me contactou de novo e eu, cheia de culpa, o permiti, deixei claro que não lhe podia dizer o meu nome.

«Isso é parvo» queixou-se ele depois de eu o informar que era proibido. No entanto, divertimo-nos a escolher nomes de código. Eu escolhi Daisy

porque a margarida era a minha flor preferida. Ele escolheu Wolf porque gostava de lobos.

Eu sei que devia ter — literalmente — empurrado o rapaz para fora da minha mente, mas a minha vida era muito solitária naquela altura. Era só eu e o Jim, a morar num sítio onde só havia cinco horas de luz solar e muitas merdas assustadoras a tentar matar-nos. Eu precisava do Wolf. Gostava da companhia dele. Ainda gosto, mesmo quando ele goza comigo por partir corações.

— A sério — diz ele agora. — Como foi a tua noite? Tenho de viver atrás de ti. Já se passaram uns dois meses para mim.

Fico surpreendida. Dada a forma presunçosa como o Wolf se gaba, ele é muito popular junto das mulheres.

— Porquê?

— Tenho andado ocupado.

— Então, é por isso que tens andado calado ultimamente. — Não tinha notícias dele há semanas quando, de repente, ele entrou em contacto comigo esta noite.

Não pergunto o que o manteve ocupado, do mesmo modo que ele nunca me pergunta. É um procedimento habitual quando se é Modificado. A confiança absoluta é algo que não existe. Nem o Jim, o homem que arriscou a sua vida por mim e pelos meus pais, teoricamente a única pessoa em quem eu devia confiar implicitamente, tem cem por cento da minha confiança. Caso contrário, ele saberia tudo sobre o Wolf.

— Para responder à tua pergunta, foi divertido. Mas ele ficou um pouco carente no fim. Não parava de implorar para me ver de novo. Suponho que não possa levar a mal. Eu sou extraordinária.

Isso ganha-me uma onda de riso.

— Cibra arrogante.

Também me rio, mas o humor esmorece quando penso no desejo sincero do Jordan de me ver de novo.

— Alguma vez te incomoda? — pergunto ao Wolf.

— O quê?

— Mentir aos Primes. Tipo aqueles com quem dormes. Ou aos teus amigos da escola. Colegas de trabalho. Sabes, os bons. Sentes-te mal por lhes mentir?

Faz-se uma pausa.

— Às vezes — admite ele. — Mas é preferível sentir uma pontada ocasional de culpa do que a alternativa. Ou alternativas, no plural. Nunca se



sabe como um Prime vai reagir ao descobrir que o seu namorado ou colega da escola ou do trabalho é um sangue-de-prata.

Ele tem uma certa razão. No melhor cenário, ficam horrorizados, mas são de algum modo convencidos a manter a nossa identidade em segredo. O cenário mais provável? Denunciam-nos e estão presentes na nossa execução pelo Comando, dando vivas quando o pelotão de fuzilamento puxa o gatilho.

— O que é que se passa, Daisy? Sentes-te mal por mentires ao teu soldado esta noite?

— Não exatamente. Sinto-me... desmotivada por ele nunca vir a saber quem eu sou. Ele não faz ideia de que passou a noite toda com uma mulher que é incapaz de conhecer verdadeiramente. Às vezes, queria que as pessoas me pudessem conhecer.

— Eu conheço-te. — A voz dele é rouca na minha mente. — Isso conta para alguma coisa?

O meu coração aperta-se e tenho de engolir um nó de emoção.

— Sim. Conta. — Engulo de novo, ansiosa para aligeirar o ambiente. — Seja como for, tenho de ir. Estou a tentar concentrar-me em guiar. Não consigo falar telepaticamente e conduzir, sabes?

— Isso não é uma regra.

— Se o Redden conseguir o que quer, será.

Não, se dependesse do nosso estimado líder, a telepatia seria banida porque todos nós estaríamos mortos. Ele quase conseguiu exterminar-nos na Purga dos Sangue-de-Prata há 25 anos, antes de conquistar o Continente. Os homens dele arrastaram dezenas de milhares de Mods das suas casas para serem executados. Sim, ele odeia-nos assim tanto.

A parte triste é que o Golpe não teria tido êxito se não fossem as hordas de pessoas que concordavam com ele. Que nós éramos aberrantes. Que éramos seres abomináveis e que os nossos dons não eram naturais, embora as coisas que eu consigo fazer com a minha mente sejam tão naturais para mim como respirar. Abrando a velocidade quando me aproximo da entrada comprida da nossa propriedade. Pouco depois, o nosso rancho aparece, com a velha casa de dois pisos e um punhado de anexos num terreno amplo que é demasiado grande para nós os dois. Mas as nossas duzentas cabeças de gado precisam de espaço.

O Tio Jim tinha grandes contactos quando saímos das Terras Negras e conseguiu arranjar-nos um local de primeira, nada mais, nada menos do

que numa zona de ativos. A Rebelião sempre foi boa para o Jim, cujas atividades insurgentes enquanto Julian Ash eram tão abundantes como eficazes. Infelizmente, essas atividades também o tornaram um grande suspeito para o Comando. O Jim será um homem procurado para o resto da sua vida.

Neste momento, na escuridão total, com apenas o brilho ténue da luz solar do alpendre a guiar-me para casa, lembro-me das Terras Negras. Da noite eterna. É marado, mas às vezes sinto saudades. Era uma altura mais simples.

Três anos a lutar pela sobrevivência... tão simples! O meu subconsciente ri-se de mim.

Sim, OK. Foi difícil. Já para não dizer que estar sempre alerta era extenuante. Uma vez, caí de uma das tábuas do Tio Jim para os poços negros e apercebi-me de quão depressa me podia ter afogado se estivesse sozinha, sem o Jim para me tirar de lá. Era um sítio assustador para uma menina.

— Porque é que demoraste tanto tempo? — diz o meu tio quando entro em casa.

Ele está na sua velha cadeira de cabedal, a bebericar de um copo de whiskey sintético. Resmunga sempre que o álcool sintético fica muito aquém do verdadeiro. Nunca provei nada puro, por isso, não posso julgar.

— Não tinhas de esperar acordado.

— Eu não tenho de fazer nada que não queira. — Os seus olhos castanho-escuros seguem os meus movimentos quando penduro a espingarda pela correia no gancho ao lado da porta. — Como foram os festejos?

Hesito, ponderando quanto lhe devo contar. Opto pela verdade porque ambos sabemos que ele vai perceber se eu tentar mentir.

— Não fiques chateado — começo.

— Raios partam, Wren — rosna ele.

— Eu disse para não ficares chateado. — Aproximo-me da cadeira e cruço os braços junto ao peito. — Prometo que não é nada de especial. E acho que concordarás que eu fiz bem em agir. Se não o tivesse feito, o Robbie estaria morto.

— Quem raios é o Robbie?

Pois, o Jim nunca tentou tornar-se amigo dos cidadãos de Hamlett. Ele é um eremita. E um bocado parvalhão. Os outros aldeões conhecem-no como o idiota antissocial que aparece umas duas vezes por mês para dar uma ou comprar whiskey na loja do Mr. Paul. Às vezes, quando ele se sente particularmente sociável, come uma refeição e toma uma cerveja no bar. Quando

está lá, não perde muito tempo com trivialidades. Apesar do seu apelido, é mais provável obter-se um «desanda daqui» do Jim Darlington do que um «olá». Suspeito que alguém na Rebelião atirou a palavra *darling* para a sua nova identidade só para o chatear.

No entanto, ele é leal. A mim. Aos seus amigos na Rebelião. Se ele gostar e confiar de nós, irá até aos confins do mundo para nos proteger. Literalmente. Ele levou-me para as malditas Terras Negras para me manter segura.

Mas se ele *não* gostar nem confiar em nós... bem... é melhor mantermos a distância porque o homem é mais espinhoso do que um cato a crescer no deserto.

— O Robbie é o filho da Rachel Solway e quase foi dilacerado por um coioite branco. O mesmo que nos tem importunado.

— Maldita praga híbrida.

— Pois, olha, era uma praga esfomeada. Interrompeu a festa. Por isso, matei-o. — Hesito quando o Jim semicerra os olhos. Ele conhece-me bem.

— Foi um tiro impressionante.

Ele franze o sobrolho.

— Quão impressionante?

— O controlador comentou. Disse que tu me treinaste bem.

— Wren. — Ele pronuncia o meu nome como se fosse um palavrão.

— Desculpa! O quê, achas que devia ter simplesmente deixado o miúdo morrer?

— Sim.

— Da mesma maneira que tu me deixaste morrer? — contesto.

— Eu prometi aos teus pais que não te deixaria morrer. Não é a mesma situação.

— Talvez eu tenha prometido à Rachel que não deixaria o filho *dela* morrer. Quero dizer, foi uma promessa feita em três segundos depois daquele híbrido aparecer mas, ainda assim, cumpri-a.

— Eu não quero que cha...

— ... chames atenção sobre ti — termino, resmungando entredentes. — Sim. Eu percebo. Mas eu sou adulta e sei como cuidar de mim. Caso te tenhas esquecido, eu trabalho para a rede.

Ele dá uma risada cínica.

— Tu não trabalhas para eles. Fazes umas operações menores com eles. Isso não significa nada.

Abro a boca em indignação, mas ele interrompe-me.

— Tu nunca estiveste em combate. Nunca tiveste de tentar sobreviver na cidade.

— Sobrevivi a muito pior — argumento.

— Não sobreviveste, não. Aquilo ali é um ninho de víboras. Não podes baixar a guarda no Ponto. Nunca.

— Eu tenho uma vantagem — lembro-o, tentando não parecer demasiado presunçosa enquanto estico os meus braços nus. Passo para telepatia para provar o meu argumento. — Vês? Não acontece nada às minhas veias. Consigo operar na cidade sem ser detetada.

— Claro, miúda. Até incitares acidentalmente. E depois como é que o teu paleio te vai tirar dessa?

A lembrança faz-me esfregar a anca. É uma reação involuntária. Não me escapa que a queimadura só existe, em primeiro lugar, por causa deste homem. O meu tutor. A pessoa que deveria proteger-me.

Doeu *mesmo*. Ainda me lembro do cheiro a carne queimada. Hoje reconheço que foi para o meu próprio bem, mas isso não significa que não o deteste um bocadinho por me ter feito aquilo.

— Para de ser dramático. Há anos que eu não incito — resmungo.

Contudo, ele não está errado. Quando acontece, costuma ser inesperadamente. Ao longo dos anos, treinámos arduamente para tentar controlar isso, mas sempre sem êxito. Eu nem sequer consigo dizer *como* é que eu incito. Da primeira vez que incitei o Jim, tinha 7 anos. Nessa altura, praticávamos durante horas, dias, meses, na nossa clareira. Sentávamo-nos todas as manhãs, um em frente ao outro, com a faca dele ao seu lado na relva, enquanto ele me ordenava que abrisse um caminho, forçasse a entrada na mente dele e mandasse pegar na faca. Pegar na faca e fazer um corte na palma da mão.

«Diz outra vez, Wren» ordenara ele naquela manhã.

E foi o que fiz. Vezes sem conta, na minha mente. *Pega na faca, pega na faca*. Contudo, a sua mão não se mexia.

Eventualmente, comecei a reclamar.

«Não quero continuar a fazer isto. Por favor.»

«Tens de fazer. Tens de ser capaz de controlar este poder.»

«Mas *porque*?»

«Porque eles matam-te se souberem que o tens.» O Jim nunca media as palavras, nem sequer com meninas assustadas. «Tenta dizer em voz alta» Aconselhou ele. «Ouvi dizer que isso às vezes ajuda.»

Diligentemente, usei a minha voz: «Pega na faca, pega na faca...»

Uma e outra e outra vez. Fiquei muito frustrada e furiosa com todos os exercícios inúteis, com o meu cérebro a murmurar cada vez mais alto, até finalmente uma onda de energia me percorrer e... ele pegar na faca e cortar uma linha no centro da palma da mão. Fiquei tão aterrorizada que corri para a nossa cabana e não saí de lá durante horas.

— Ainda estás a pensar ir à Zona T algures durante a semana? — pergunto, mudando de assunto. Estou farta do sermão. Recebo pelo menos um sermão do Jim por dia e já preenchemos a nossa quota esta manhã quando ele me repreendeu por me ter esquecido de limpar o estábulo da Kelley.

— Provavelmente, depois de amanhã. Diz-me se quiseses que te traga alguma coisa de lá.

— Sim, obrigada. E não te atrevas a ir embora sem te despedires.

— Nunca — diz ele bruscamente e qualquer irritação que eu sinta em relação aos seus sermões evapora-se.

Quando tinha 10 anos, ele desapareceu durante uma semana em missão para a Rebelião. Limitou-se a acordar e a sair sem dizer uma palavra. Enviou o pai da Tana para o rancho para ficar comigo e regressou dias depois sem fazer a *menor ideia* do motivo pelo qual eu poderia estar chateada com ele.

Depois de ter levado com o meu tratamento silencioso durante um dia inteiro, prometeu nunca mais me deixar sem se despedir primeiro.

O Jim é um homem duro, mas eu sei que ele me ama. Tenho a certeza de que esta não foi a vida que ele tinha imaginado para si próprio. Há quinze anos, ele passou de um coronel do Comando de 30 anos para desertor procurado, responsável por uma miúda de 5 anos, cuja segurança lhe fora confiada. Foi forçado a deixar tudo para trás. A sua carreira, a sua casa, os seus amigos. Mas fê-lo. Pelos meus pais. Por mim.

— Muito bem. Vou deitar-me. — Levanta-se da sua cadeira. — Boa noite, passarinho.

O termo carinhoso faz-me sorrir.

— Boa noite.

No meu quarto, lavo-me e preparo-me para ir dormir. Deixo-me adormecer a pensar não no soldado com quem passei a noite, mas no estranho atraente e implacável da pensão.



Ao raiar do dia, dirijo-me para o celeiro para colocar a sela na minha égua de raça Appaloosa. Podia levar o veículo todo o terreno — seria mais rápido —, mas gosto do meu tempo de qualidade com a Kelley.

— Olá, linda — murmuro, passando a mão pelo seu dorso malhado. Ela tem a mais bela pelagem castanho-escuro e branco e os seus grandes olhos líquidos refletem o meu rosto sorridente de volta. — Pronta para consertar a vedação?

A Kelley relincha. Tomo isso como um sim e monto, com as rédeas de couro folgadas nas minhas mãos enquanto a guio dos estábulos em direção ao trilho.

A pior parte de trabalhar num rancho são todas as tarefas entediadas. Por mais que adorasse, não posso passar todo o tempo a montar a Kelley e a nadar no riacho. Já não aguento mais alimentar os animais, limpar bosta dos estábulos, encher gamelas de água. E essas são as tarefas *divertidas*. Reparar vedações é a tarefa de que gosto menos, mas é uma das mais importantes. As vedações mantêm as nossas vacas cá dentro e os predadores lá fora.

Eu e a Kelley cavalgamos até à pastagem norte, onde desmonto e a deixo pastar enquanto localizo a parte estragada da vedação de que o tio me falou. Ponho rapidamente mãos à obra para a reparar, usando um tensor para esticar os dois pedaços de arame, para poder voltar a uni-los com uma manga de cravar. A seguir, passo o resto da manhã a inspecionar cada centímetro da cerca até estar convencida de que não existem pontos de acesso para coiotes brancos que queiram aterrorizar o nosso rebanho.

Estou a calçar as minhas luvas de trabalho grossas quando o Tio Jim se tenta ligar a mim. Um segundo depois, o seu aviso enche a minha cabeça.

— Não voltes para casa. Mantém-te afastada.

Os meus ombros ficam tensos numa linha direita.

— Porquê? O que se passa?

— O Comando está aqui — é a sua resposta sombria.

O meu coração dispara. Porque é que o Comando está em nossa casa? Somos sempre avisados antes de uma inspeção.

Tento contactar a Tana enquanto corro para a Kelley, mas ela não me deixa entrar. Ou está a dormir, ou está morta ou está a ignorar-me. Aposto que está a dormir. Ela estava mesmo com os copos na noite passada.

— Tio Jim? Estás bem? Vou voltar.

— Nem pensar. Fica quieta.

Pois, esquece lá isso.

Iço-me para a sela e estalo a língua para indicar à Kelley para ir. Quando ela demora a arrancar, aplico pressão com as barrigas das pernas e forço-a a galopar.

Não fazemos o mesmo caminho de volta para o rancho, aquele que nos deixaria em espaço aberto, expostas. Aproximamo-nos a partir do terreno mais elevado, parando na saliência rochosa muito acima da pastagem sul, onde o rebanho pasta atualmente. Daqui, tenho um ponto de vista perfeito para a casa. Está a várias centenas de metros de distância, mas os Mods têm uma visão perfeita. Não precisamos de coisas incômodas como óculos.

Desmonto e esgueiro-me para a beira dos rochedos, espreitando por cima. Vejo camiões. São dois, verde-azeitona com o emblema preto e prateado do Comando pintado nas portas. Quando vejo o Tio Jim, sinto o coração no estômago.

Ele está a usar uma camisa de flanela de mangas compridas e as suas habituais calças de ganga coçadas. De joelhos na terra, o seu chapéu de cowboy foi atirado para o chão, a uns metros de distância. Um homem de uniforme com uma divisa de oficial na manga direita tem o cano de uma arma encostado à testa do meu tio.

— Consigo ver-te. Estou a vê-los. Porque é que eles estão aqui? — Os meus joelhos estão tão fracos como a minha respiração.

— Eles vieram ver-te disparar.

O terror abate-se sobre mim. Isto é por *minha* causa?

O meu olhar voa sobre os soldados. Quatro outros estão de pé como estátuas de pedra atrás do que lidera. Sinto-me nauseada quando me apercebo que um deles é o Jordan.

A culpa é minha. *Eu* provoqueei isto. Eu fiz aquele disparo impossível a noite passada, chamei atenção para mim e agora o Comando tem uma arma apontada à cabeça do meu tio.

Eu tenho a minha espingarda. Posso abatê-los. Alvejá-los... O desespero aloja-se na minha garganta porque não há a menor hipótese de eu conseguir eliminar os cinco sem pelo menos um deles pôr uma bala no crânio do Jim.

— O que faço?

— Dás meia volta e vais ter com o Griff — ordena ele, com as suas mangas compridas a ocultarem o facto de estar a comunicar comigo. — Ele toma conta de ti.

Engulo o meu grito de aflição quando o oficial usa a sua mão livre para agarrar num pedaço do cabelo claro e até aos ombros do Tio Jim. Ele puxa a cabeça do Jim para trás e cospe umas palavras, troçando. Há familiaridade nos olhos frios do oficial. O seu rosto, a sua linguagem corporal... tudo grita, *Eu sei quem tu és*.

As minhas mãos tremem quando me ligo novamente ao Jim.

— Eles sabem que tu és o Julian Ash?

— Sim.

Essa é a última coisa que ele diz antes de eles o atirarem para a traseira de um veículo e o levarem dali.



Os dons psíquicos são uma sentença de morte, e há regras para sobreviver: mentir a toda a gente, não ser identificada e não ser apanhada.

Wren Darlington viveu escondida, aperfeiçoando as suas capacidades psíquicas. Ser Modificada significa a morte certa — e Wren é uma das Mods mais poderosas que existem.

Quando um erro a lança para as mãos do inimigo, ela é forçada a juntar-se ao Bloco de Prata, um programa militar de treino de elite, onde vai ter de provar o seu valor.

Fazê-lo parece impossível quando o Capitão é o implacável e irritantemente irresistível **Cross Redden**.

Apesar da química explosiva entre os dois, Wren não pode permitir que Cross atrapalhe a sua missão.

A guerra contra os Mods atinge um ponto de viragem devastador e ela tem de decidir até onde está disposta a ir para se salvar a si mesma e ao seu povo.

OTHER SIDE

é uma coleção SECRET SOCIETY



Penguin
Random House
Grupo Editorial

seekthebutterfly.pt
secretsocietyp
#seekthebutterfly

ISBN: 978-989-589-665-3



9 789895 696653

